

Incentivos
e EscolhasLuís Cabral
lcabral@stern.nyu.edu

PAZ E PROSPERIDADE

A onda de populismo a que assistimos é uma ameaça. Estamos perante o risco de retroceder dois ou três séculos na história e cair num neomercantilismo pernicioso

No século XVIII, a doutrina económica dominante era o mercantilismo. Não é possível resumir uma teoria vasta num parágrafo apenas, mas podemos dizer que, no essencial, o mercantilismo é uma espécie de nacionalismo económico: para sermos mais ricos, temos de acumular ouro, prata e outros recursos naturais; e, mais importante, temos de proteger os mercados nacionais das importações: os países estrangeiros são inimigos económicos que roubam a nossa riqueza.

O ano de 1776 é recordado pela emergência de uma nova nação, os Estados Unidos da América. No entanto, o texto mais importante do ano não foi a declaração de independência mas sim o clássico de Adam Smith, "A Riqueza das Nações". Foi uma revolução copernicana do pensamento económico, o começo de uma nova era. A riqueza das nações, explica a nova economia, não se encontra na quantidade de recursos que uma nação tem, mas sim no valor gerado pela troca. Que sentido faz que a Escócia produza o seu próprio vinho quando é muito mais barato comprar vinho à França em troca por lá escocesa?

A ideia de que a troca gera valor é simples, é profunda — e é frequentemente esquecida: a nossa tendência é pensar no valor como resultado da produção de algo tangível. Suponhamos, no entanto, que o João tem uma maçã mas gosta mais de laranjas, enquanto que a Maria tem uma laranja mas gosta mais de maçãs. Quando o João troca a sua maçã pela laranja da Maria ambos ficam mais felizes, isto apesar de

Muitas guerras foram influenciadas ou inspiradas por motivos mercantilistas

nada ter sido 'produzido' além da troca em si.

É como um truque de magia. O comércio é um dos factores mais importantes na criação de valor na economia moderna. O historiador Angus Maddison estima que, a nível mundial, o produto *per capita* no ano 1500 rondava os 500 dólares; à viragem do século XXI, já era superior a cinco mil dólares. Este milagre de crescimento económico deve-se em grande parte aos benefícios do comércio internacional. Tal como outro milagre recente: os mil milhões de asiáticos que ultrapassaram o limiar de pobreza nos últimos 20 anos.

E no entanto, o comércio internacional é por muitos considerado como a raiz de todos os males — ou quase todos; e é tratado como tal.

Porquê?

Em primeiro lugar, porque nem todos ficam melhor em todos os momentos como resultado do comércio livre. Tal como o progresso tecnológico, a abertura das fronteiras implica custos de ajustamento: os carros japoneses puseram muitos americanos no desemprego; os sapatos chineses criaram grandes dificuldades ao sector português do calçado.

O segundo inimigo do comércio livre é o populismo. Nas últimas décadas, o crescimento económico foi acompanhado por maior desigualdade. Os que ficaram para trás pedem explicações, e com razão. O nacionalismo fornece um conveniente bode expiatório: o estrangeiro, quer na forma de imigração quer na forma de importações de bens e serviços.

A onda de populismo a que assistimos em ambos os lados do Atlântico é uma ameaça a vários níveis. Do ponto de vista económico, estamos perante o risco de retroceder dois ou três séculos na história e cair num neomercantilismo pernicioso. Na crista desta 'onda' encontramos o Presidente-eleito Trump. Durante a campanha eleitoral, ele afirmou repetidas vezes que "estão a roubar os nossos empregos, e nós não vamos deixar que isso continue". "Os chineses exportam mais para os Estados Unidos do que nós exportamos para a China, logo estamos a perder." Esta identificação da balança comercial com a criação ou perda de valor é a pedra de toque da doutrina mercantilista.

Infelizmente, não se trata apenas de um problema económico.

Historicamente, o comércio livre tem sido um factor de paz: quando mantemos relações comerciais com o país X, faz menos sentido odiar esse país, e a probabilidade de conflito militar é inferior. Pelo contrário, muitas guerras foram influenciadas ou inspiradas por motivos mercantilistas.

Resta-nos esperar que a ameaça mercantilista, tal como outras 'promessas' de Trump, não seja mais do que um truque publicitário.

Nesta época natalícia, desejo paz e prosperidade a todos. Com comércio livre.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia